

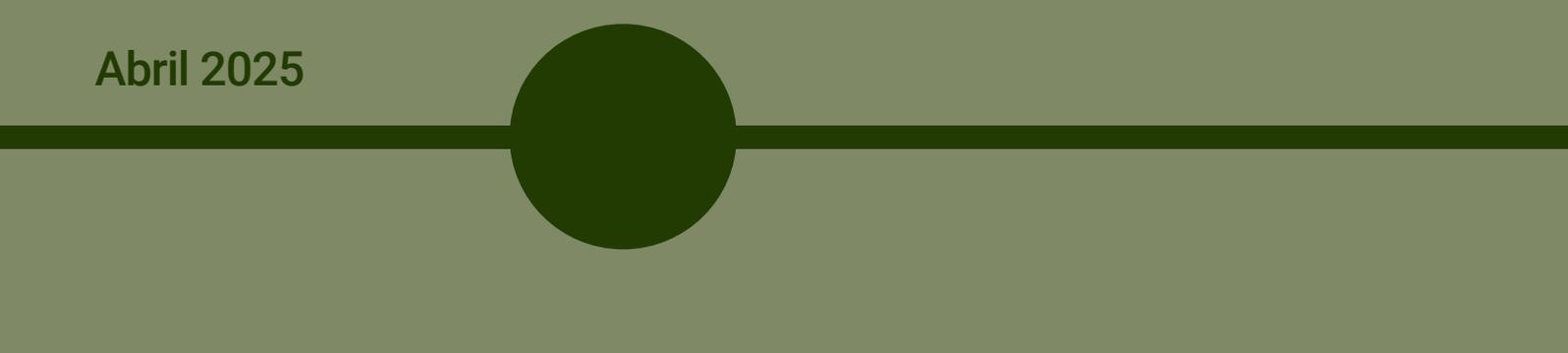


Manual de Visita Guiada de Jardins Históricos



AJH
Associação
Portuguesa
dos Jardins
Históricos

Abril 2025



Este Manual é um culminar de uma vertente de trabalho da Direção da AJH, ao longo dos últimos cinco anos na sequência da construção de um Inventário de Jardins Históricos de Portugal e da estruturação dos Jardins Históricos enquanto produto turístico: a Rota dos Jardins Históricos de Portugal. Contou com quatro etapas: 1) uma Exposição sobre a Rota dos Jardins Históricos de Portugal acompanhada de um catálogo, 2) uma tese de mestrado em Arquitetura Paisagista, 3) a criação de uma consultoria de turismo junto da Direção e 4) a constituição de uma bolsa de Guias-Intérpretes de Jardins Históricos.

Em 2020-2021, no âmbito de Lisboa Capital Verde Europeia, na Biblioteca Nacional de Portugal decorreu a exposição “JARDINS HISTÓRICOS DE PORTUGAL Memória e futuro” apoiada por um catálogo. A mestrandia em Arquitetura Paisagista, Filipa Marques dos Santos, do Instituto Superior de Agronomia (Universidade de Lisboa), iniciou uma colaboração para o acompanhamento da exposição e elaborou a tese “Estruturação de Manuais de Visita no âmbito das Rotas dos Jardins Históricos | Estudo de caso: Rota Turística do Litoral Centro de Portugal” (2024) tendo como orientadoras Sónia Talhé Azambuja e Teresa Andresen. Por sua vez, a arquiteta paisagista e guia-intérprete Mariana Sargo iniciou uma colaboração com a AJH nos finais de 2021 para a área do turismo, tendo vindo a assegurar diversas tarefas, entre as quais se destaca a mobilização de uma Bolsa de Guias-Intérpretes certificados (nacionais e regionais) a quem a AJH tem vindo a prestar uma formação teórico-prática anual.

A todos os que participaram neste processo o nosso agradecimento. Destacamos Filipa Marques dos Santos, Sónia Talhé Azambuja e Mariana Sargo. Por último, uma palavra de agradecimento proprietários de Jardins Históricos privados e públicos, e às suas equipas pelo seu incansável e continuado trabalho de conservação dos jardins e de acolhimento.

Teresa Andresen, Presidente da Direção da AJH

A elaboração deste Manual não teria sido possível sem o apoio de diferentes intervenientes – primeiro, o meu agradecimento pessoal a Teresa Andresen e Sónia Talhé Azambuja, pelo apoio e conhecimento partilhado, e a Mariana Sargo, por criar uma ponte entre este Manual e os seus destinatários primários – os Guias-Intérpretes.

Agradeço também aos proprietários e entidades que gerem os Jardins Históricos aqui apresentados: à comunidade franciscana do Mosteiro de Santo António do Varatojo, à Cristina Lebre e família, o meu agradecimento por abrirem as portas dos vossos jardins e permitirem o desenvolvimento deste trabalho. Às entidades responsáveis pelos jardins e parques públicos – Universidade de Coimbra, Confraria de Nossa Senhora da Encarnação e Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos – um agradecimento pela conservação e abertura à comunidade dos seus jardins.

Filipa Marques dos Santos

Agradecimentos



Índice

- 04 **Apresentação | Teresa Andresen**
 - Porquê visitar um jardim?
 - Porquê uma visita guiada a um Jardim Histórico?
 - Porquê um manual de visitas guiadas?

- 06 **Como usar o Manual | Filipa Marques dos Santos**

- 08 **Manual de visita | Santuários**

- 14 **Manual de visita | Cercas Conventuais**

- 20 **Manual de visita | Quintas de Recreio**

- 26 **Manual de visita | Jardins e Parques Públicos**

- 32 **Manual de visita | Jardins Botânicos**

Apresentação

Teresa Andresen

Este Manual destina-se sobretudo aos Guias-Intérpretes com interesse pelos jardins, em particular os Jardins Históricos, e também aos proprietários de jardins e aos jardineiros sendo naturalmente acessível a todos.

Os jardins são espaços por excelência de ligação à natureza e à arte, de revitalização do corpo e da mente e onde somos convidados a estar bem connosco, com o próximo e com o mundo.

Quando percorremos um jardim, mobilizamos as nossas memórias e os nossos sentidos e despertamos motivações. Jardim é uma palavra que, por vezes, se torna redutora sendo que um jardim é sempre um lugar ameno – *locus amoenus* – mas complexo onde identidade e significado se cruzam e confundem tal como a representação e a idealização ou os seus autores e atores.

Porquê visitar um jardim?

Porque queremos conhecer e compreender uma história viva de pessoas e plantas articulando arte e natureza, composição e ecologia.

Porque queremos experienciar e prospetar de modo a transformar o lugar-jardim num laboratório vivo de descoberta e criatividade.

Porque queremos contactar e aprender sobre o cultivo e a produção, sobre o mundo das plantas e das pessoas, sobre o tempo e as gerações.

Porque gostamos da atividade física, de estar e ver, de relacionar e conversar e do belo e da paz.

Porque vale a pena ser jardineiro! Por uns momentos, por umas horas, por uma vida!



Porquê uma visita guiada a um Jardim Histórico?

Porque somos seres comunicantes. Comunicantes-intérpretes de tempos e lugares diversos. Comunicantes-aprendizes de histórias, de artes e técnicas de cultivar e de olhar. Jardineiros por uma hora? Jardineiros para toda a vida?

Uma visita guiada a um Jardim Histórico é suportada por uma narrativa que articula património natural e cultural, material e imaterial, proximidade e entorno, fornece informação detalhada e focalizada, permite o acesso a lugares exclusivos promovendo a interação e uma experiência personalizada, oferece segurança e comodidade e distribui curiosidades ...

Porquê um manual de visitas guiadas?

Este Manual tem por pressuposto que sendo a palavra jardim aplicada a conceitos diversos importa sistematizar o conceito e melhor comunicar. O Manual adota cinco categorias de Jardim Histórico: os Santuários; as Cercas Conventuais; as Quintas de Recreio; os Parques e Jardins Públicos e os Jardins Botânicos.

O Manual reúne um conjunto de instruções de conteúdo e linguagem sobre as categorias de Jardim Histórico e pretende ser um contributo para a capacitação da narrativa daqueles que lhe dedicam a sua atividade, em particular, os guias-intérpretes. Recorrendo a exemplos concretos, para cada categoria Filipa Marques dos Santos produziu uma Ficha Exemplificativa com base na estrutura geral por ela criada. Seguindo esta mesma estrutura, pode ser desenvolvido um manual específico para cada jardim a ser visitado. O Manual tipifica cada uma das categorias e baseia-se no conceito de estrutura e função importado das ciências biológicas.



Como usar o Manual

Filipa Marques dos Santos

O Manual, organizado em torno das cinco categorias de Jardins Históricos, é constituído por Fichas Exemplificativas de cada uma das categorias. Em cada uma são apresentados os seguintes campos: Informação Técnica, Informação Histórica, Elementos Estruturantes, Elementos Complementares e Usos e Funções.

O Manual está dividido em três partes interligadas, formando um tríptico. Na primeira parte, apresentam-se as Informações Técnica e Histórica; na segunda, os Elementos Estruturantes; e, na terceira, os Elementos Complementares e os Usos e Funções.

A visita a um Jardim Histórico começa com o planeamento prévio, ou seja, com o conhecimento da **Informação Técnica**. Esta constitui a primeira parte do Manual, tal como a primeira coisa a ser sabida quando se pretende visitar um Jardim Histórico, onde se encontram as informações primárias sobre o mesmo: nome; localização; tipo de acesso ao público; data(s) de construção, etc.

Associada à Informação Técnica, e interligada a esta, encontra-se a **Informação Histórica** do jardim. Apresentada de forma cronológica e acompanhada de um resumo histórico, esta informação é de extrema importância, pois o seu conhecimento permite ao Guia-Intérprete tornar-se o elo de ligação entre o visitante e o lugar em que se insere, através da sua significação cultural.

Na primeira parte do Manual, é ainda apresentada uma visão geral do Jardim Histórico, com a primeira abordagem aos elementos estruturantes que o definem.

A segunda parte do Manual é dedicada aos **Elementos Estruturantes** de cada categoria de Jardim Histórico. Os Elementos Estruturantes como o claustro, o pátio, a mata, ou a horta, por exemplo, estão identificados e sistematizados de forma a permitir o fácil reconhecimento da categoria a que pertencem, uma vez que possuem determinadas características comuns. Assim, nesta segunda parte do Manual, são apresentados os elementos estruturantes que identificam cada categoria, com uma breve explicação dos mesmos (sempre acompanhada de mapas e fotografias para facilitar o seu reconhecimento).

Importa realçar que estes Elementos Estruturantes podem ser encontrados na maioria dos Jardins Históricos de determinada categoria, mas não necessariamente em todos eles, pelo que é importante considerar a categoria e as respetivas características singulares.

Na terceira parte do Manual são apresentadas essas singularidades, ou seja, os **Elementos Complementares** das diferentes categorias. Estes elementos podem ser construídos, como capelas ou composições escultóricas, ou naturais, como espécies notáveis. Os Elementos Complementares estão inseridos nos Elementos Estruturantes do Jardim Histórico, estando sempre associados a estes. Exemplo: uma glicínia secular (elemento singular) inserida no claustro (Elemento Estruturante da categoria Cerca Conventual).

Nesta última parte encontram-se também os **Usos e Funções**. Estes denotam as vivências do lugar e como o espaço é ou foi apropriado por quem o vive ou viveu e o experiencia ou experienciou. A caracterização não só é feita através de uma explicação do contexto social associado ao Jardim Histórico, como também é feita a identificação espacial destes Usos e Funções, associados aos Elementos Estruturantes de cada categoria.

Santuário de Nossa Senhora da Encarnação Leiria

Rua de Nossa Senhora da Encarnação, 2410-143 Leiria

Data de construção: 1588

Área: 6,88 hectares

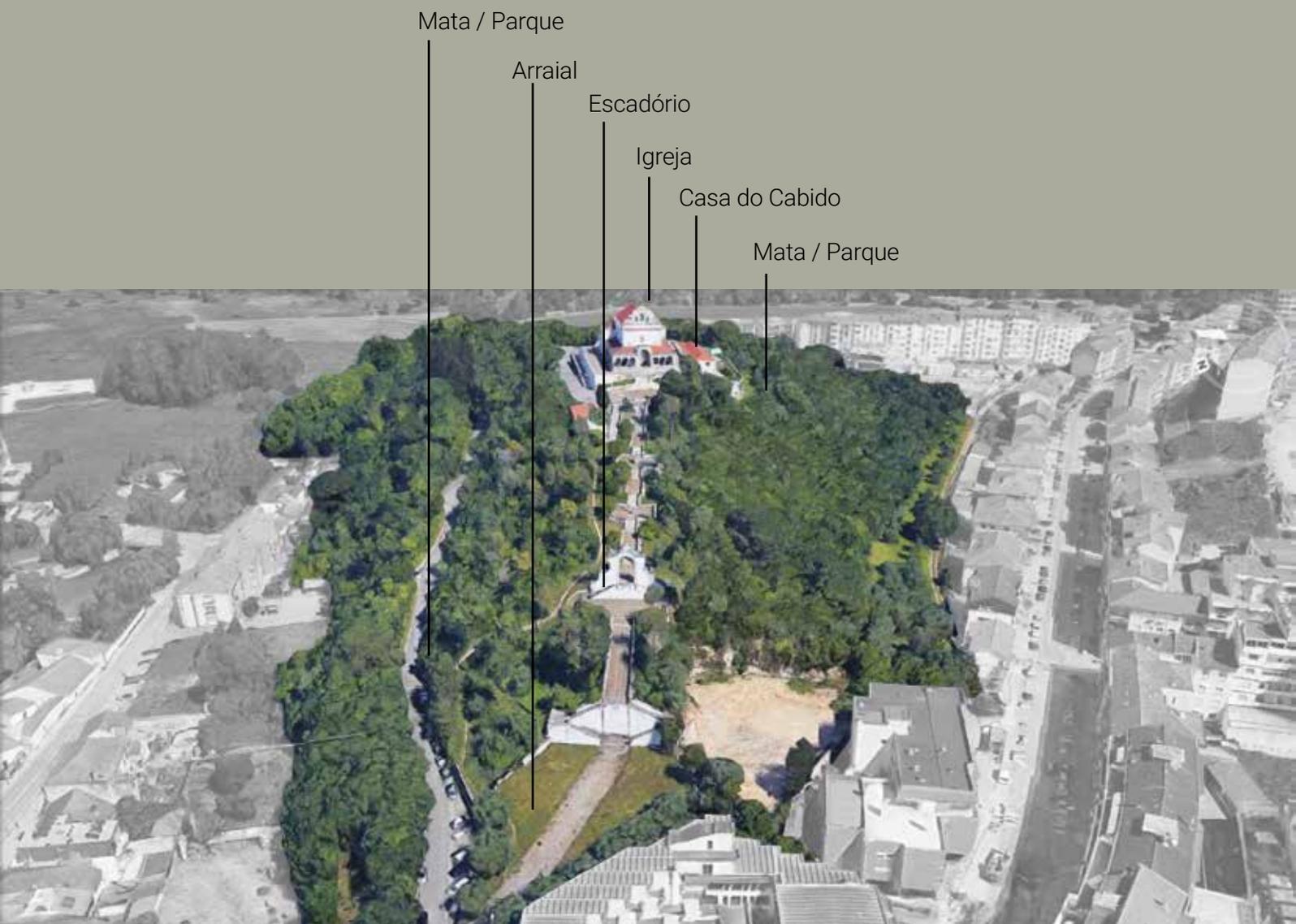
Propriedade: Pública

Acesso ao público: Acesso livre/Entrada gratuita

Utilização: Religiosa

Estatuto de proteção: IIP - Imóvel de Interesse Público,

Decreto n.º 28/82, DR, 1.ª série, n.º 47 de 26 fevereiro 1982



—
Existência de uma ermida dedicada ao Arcanjo São Gabriel no Monte do Anjo

Séc. XIV
É encontrada uma imagem de Nossa Senhora da Encarnação junto à antiga ermida

1585
Ocorrência de vários milagres no recinto da ermida levam à mudança de orago para a Nossa Senhora da Encarnação

1588
Instituição da Confraria da Nossa Senhora da Encarnação

1588
Ocorrência de um milagre junto à ermida leva à construção de uma nova capela



1588
Início da construção da atual capela com contribuição da população e dos Duques de Vila Real

1628
Conclusão da capela com inscrição numa porta em que se pode ler "Esta casa é do Cabido"

1807-1810
A capela é desprovida do seu recheio devido às invasões francesas

1761-1769
Bispo de Coimbra D. Frei Miguel de Bulhões e Sousa manda construir o escadório de acesso à capela



1829
Colocação de novos sinos na capela

1890
Colocação das imagens do Arcanjo São Gabriel e de Nossa Senhora da Encarnação sobre a entrada da capela, esta última atualmente no interior da capela

Desde o acontecimento do primeiro milagre ocorrido na Capela da Nossa Senhora da Encarnação a 11 de julho de 1588 que foram realizadas variadas procissões e romarias. Dada a ocorrência dos milagres aos que sofriam de maleitas diversas, o número de peregrinos continuou a aumentar, o que levou à necessidade da construção de um santuário maior. Ainda hoje se realiza uma romaria ao santuário a 15 de agosto.





1.

Elementos Estruturantes

Os Santuários de um modo geral encontram-se em pontos altos. Frequentemente têm origem pagã e permanecem como lugares de devoção e peregrinação.



2.

Existem Santuários de maior e menor complexidade comparativamente com o Santuário de Nossa Senhora da Encarnação. No entanto, este apresenta quatro Elementos Estruturantes que, de um modo geral, estão presentes em todos os Santuários: a igreja que organiza todo o espaço e está envolta por um adro; o escadório ou caminho devocional; o arraial da feira e da festa e a mata, equipada com espaços diversos, nomeadamente de merenda e jogos.



3.

Legenda

1. Igreja
2. Escadório
3. Arraial
4. Mata



4.

Igreja

A capela, situada no ponto mais alto do Monte do Anjo, foi construída em 1588. Possui planta em cruz e foi alvo de alterações arquitetónicas e decorativas, tanto no seu interior como no exterior. Na fachada virada ao escadório possui um frontão triangular, com 3 sineiras e um alpendre em arcos que se prolonga para as fachadas laterais.



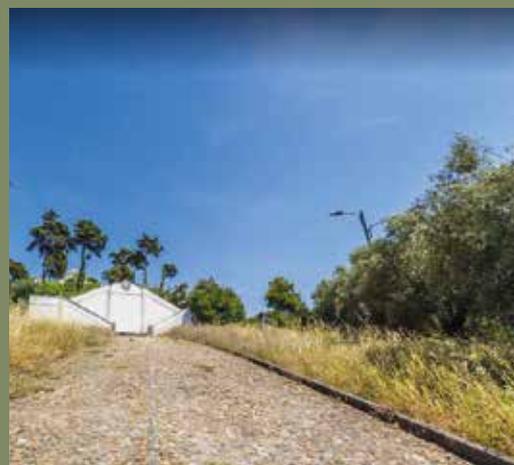
Escadório

O escadório é como uma extensão da igreja para a paisagem, através da qual existe uma ascensão espiritual, desde o espaço profano (arraial) até ao lugar sagrado (igreja). Foi mandado construir por D. Frei Miguel de Bulhões e Sousa, quando este era Bispo de Coimbra (1761-1769). Com 162 degraus, possui características barrocas, tanto na sua magnificência através do arco de entrada e composição com um grande eixo, como também pela sua interação com a envolvente, através de pontos de vista.



Arraial

O arraial é o lugar onde se realiza a feira e decorre a festa. No Santuário de Nossa Senhora da Encarnação o arraial situa-se à entrada do Santuário, antes do início do escadório. Anteriormente possuía uma área superior, uma praça de touros e uma alameda de oliveiras, no entanto, a pressão urbanística na sua envolvente levou ao desaparecimento de alguns equipamentos, sendo a alameda das oliveiras o único elemento que se mantém até hoje.



Mata

A maioria dos Santuários está envolta ou tem adjacente uma mata, inicialmente povoada por sobreiros e carvalhos, onde tendencialmente começaram a aparecer outras espécies, como o pinheiro e o eucalipto, e mesmo plantas invasoras, como as acácias e as mimosas. A mata que envolve o Santuário de Nossa Senhora da Encarnação é essencialmente constituída por um pinhal, substrato arbustivo e herbáceo.





1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



9.



10.



11.



12.

Elementos Complementares

Os Elementos Complementares não surgem de uma forma geral em “todos” os Santuários e por isso constituem-se enquanto singularidades do caso de estudo. Estes estão incluídos ou associados aos Elementos Estruturantes. Podem ser elementos naturais, como espécies notáveis, ou elementos culturais, como inscrições ou esculturas de cariz religioso.

Legenda

Igreja

1. Galilé em arcos
2. Frontão com escultura quinhentista do Arcanjo S. Gabriel
3. Casa do Cabido

Escadório

4. Inscrição do Antigo Testamento
5. Inscrição do Antigo Testamento
6. Brasão de Armas de D. Frei Miguel de Bulhões e Sousa
7. Padrão alusivo à Virgem
8. Padrão com inscrição do Antigo Testamento
9. Padrão com inscrição do Antigo Testamento
10. Inscrição do Antigo Testamento

Arraial

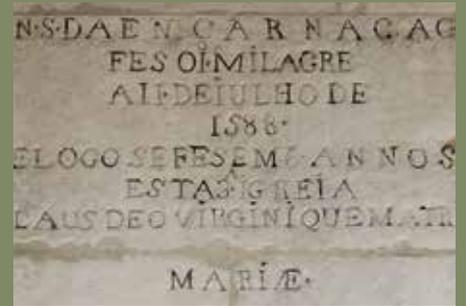
11. Alameda de oliveiras (*Olea europaea*)

Mata

12. Parque de merendas

Usos e funções

Os Santuários são lugares de experiência dos seres humanos com o transcendente. A relação com o espaço sagrado deu origem a peregrinações em massa a determinados locais de culto, sendo o peregrino o elemento diferenciador de um Santuário. Este é o elemento crucial e estruturante da gênese e particularidade dos santuários, pois é ele que permite a sua legitimação e manutenção ao longo dos séculos. Os Santuários, geralmente geridos por uma confraria, são de acesso público e utilizados como espaços de devoção, festa e recreio.



Recreio / Contemplação

Recreio / Devoção

Devoção

Devoção

Habitação

Recreio



CERCAS CONVENTUAIS

Cerca do Mosteiro de Santo António do Varatojo Torres Vedras

Alameda Pe. Dr. José Pedro Ferreira, 2560-237 Torres Vedras

Data de construção: séc. XV/XVI

Área: 4,22 hectares

Propriedade: Privada

Acesso ao público: Acesso por marcação

Utilização: Religiosa

Estatuto de proteção: MN - Monumento Nacional,

Decreto de 16-06-1910, DG, I Série, n.º 136,

de 23-06-1910 (mosteiro)

Capela de São Francisco
Mata

Capela da Nossa Senhora do Sobreiro
Cultivo de sequeiro

Cultivo de regadio

Fonte do Bispo

Campo do mosteiro

Igreja-mor

Claustro

Edifícios monásticos



1470

Iniciada a construção do mosteiro com pedra lançada pelo Rei D. Afonso V

1474

Os primeiros 14 frades franciscanos começam a habitar o mosteiro

1521-1557

D. João III manda acrescentar o dormitório e D. Catarina manda reformar a Capela-mor

1680

De casa de noviciado passa a Seminário Apostólico que leva ao acrescento do andar do noviciado

1531

Sismo derruba o convento, o que leva ao seu restauro e reconstrução.

1740

Construção da Capela da Nossa Senhora das Dores

1777

Construção da Capela da Nossa Senhora do Sobreiro na consequência do milagre da sua aparição na área de mata



1845

Venda em hasta pública a um particular

1834

Extinção das Ordens Religiosas e conseqüente abandono do mosteiro pelos frades



1861

Compra pelos franciscanos (Pe. Frei Joaquim de Espírito Santo)

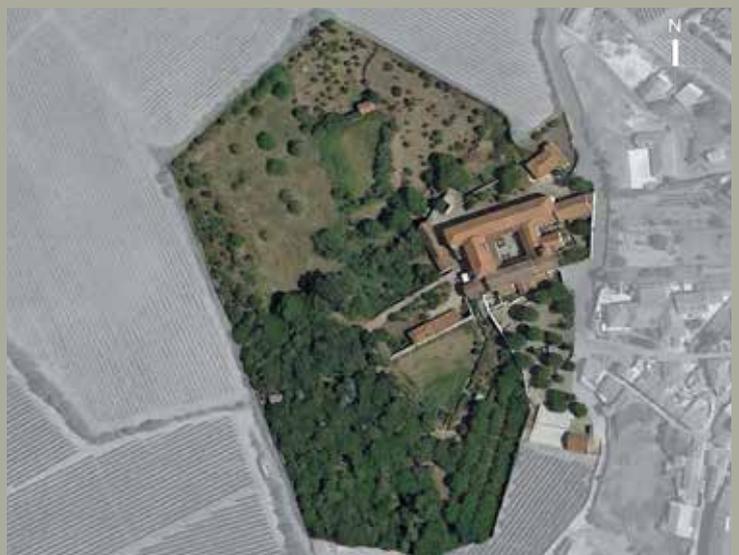
1910

Expulsão dos frades e confiscação dos seus bens. Classificação como Monumento Nacional

1928

Mosteiro "devolvido" aos frades, onde instalam o Noviciado da Ordem dos Frades Menores

A Cerca do Mosteiro de Santo António do Varatojo pertence à Ordem dos Frades Menores (frades franciscanos) fundada por São Francisco de Assis, aprovada em 1209 pelo Papa Inocência III. É uma comunidade religiosa masculina que tem por base os votos de castidade, pobreza e obediência perante Deus. A saudação franciscana "Paz e Bem" evoca a missão dos franciscanos: promover a paz e o diálogo em prol do bem por todo o mundo.



Elementos Estruturantes



Nas Cercas Conventuais, a igreja e o complexo monástico que a envolve estruturam todo o espaço da cerca. Frequentemente, os mosteiros encontram-se privados ou da totalidade ou de parte da sua cerca. Esta situação decorre geralmente da extinção das ordens religiosas e consequente colocação em hasta pública ou apropriação para outros fins públicos.

São Elementos Estruturantes de uma Cerca Conventual: a igreja, o campo no exterior do mosteiro, os edifícios monásticos, o claustro, a área de cultivo incluindo hortas, pomares e campos e a mata.

Um Elemento Estruturante aqui não passível de representação é o sistema hidráulico de abastecimento e distribuição da água para as necessidades da vida monástica e para a rega dos campos.

Legenda

1. Campo do mosteiro
2. Edifícios monásticos
3. Claustro
4. Igreja
5. Área de cultivo
6. Mata

Campo do mosteiro

O campo do mosteiro é o local de receção e encontro da população para as festividades relacionadas com a atividade do mosteiro. Aqui os mais desfavorecidos recebiam esmolas dadas por D. Afonso V através da janela dos seus aposentos.

Edifícios monásticos

O mosteiro foi mandado erguer pelo rei D. Afonso V. Desde 1470 recebeu várias reformas, apresentando elementos de estilo gótico, como a porta em ogiva quatrocentista de acesso à igreja-mor, maneirista e barroco. O edifício monástico, acedido por uma escadaria revestida a azulejo, dá acesso ao átrio de teto mudéjar, que permite a entrada no mosteiro e na igreja.

Claustro

O claustro gótico quatrocentista possui quatro canteiros em alegrete, um poço ao centro e um canal em todo o seu redor, acompanhado por arcadas. Aqui existe uma glicínia secular, que é um elemento singular. É no claustro onde os frades se reúnem e é em redor deste que se localizam as salas mais importantes, como a Sala do Capítulo (onde se lia um capítulo da regra por dia), o refeitório e o acesso aos dormitórios.

Igreja

A igreja é o único espaço da cerca conventual que poderia ser acedido pela população exterior à comunidade franciscana. Esta possui duas entradas distintas, uma através do arco em ogiva anterior ao terramoto de 1531, localizado no átrio, e uma entrada lateral através do claustro do mosteiro. A igreja possui ainda uma tribuna que tinha acesso direto aos aposentos de D. Afonso V, que fazia aqui os seus retiros.

Área de cultivo

A cerca do mosteiro possui várias áreas de cultivo divididas entre si por patamares que seguem o declive natural da encosta onde se situa, com exposição a sul. Existem áreas de horta, localizadas nas proximidades do mosteiro, áreas de pomar, com plantações de citrinos e nogueiras. Existe ainda uma área dedicada ao cultivo de plantas ornamentais. Nos pomares surge a Fonte do Bispo, elemento singular desta cerca.

Mata

A mata ocupa uma área de 1 ha e, entre outras espécies, possui carvalhos, medronheiros, loureiros e sobreiros. No seu interior situam-se dois elementos singulares: a Capela de Nossa Senhora do Sobreiro e a Capela de São Francisco.

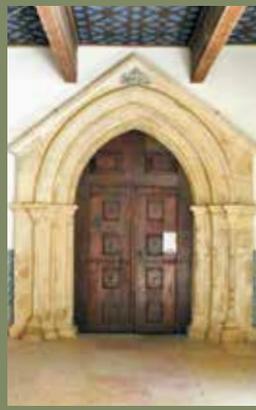




1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.

Elementos Complementares

Os Elementos Complementares constituem-se enquanto singularidades do caso de estudo. Surgem incluídos nos Elementos Estruturantes e podem ser de carácter natural, como a glicínia existente no claustro ou o sobreiro centenário na mata. Podem ser também representações culturais, como as capelas existentes no interior da mata ou a Fonte do Bispo.

Legenda

Campo do mosteiro

1. Escadaria
2. Fonte pública

Igreja

3. Portal gótico

Edifícios monásticos

4. Teto mudéjar
5. Pórtico manuelino

Claustro

6. Poço e reservatório

Área de cultivo

7. Fonte do Bispo
8. Produção de nogueiras
9. Produção de citrinos
10. Cultivo de flores

Mata

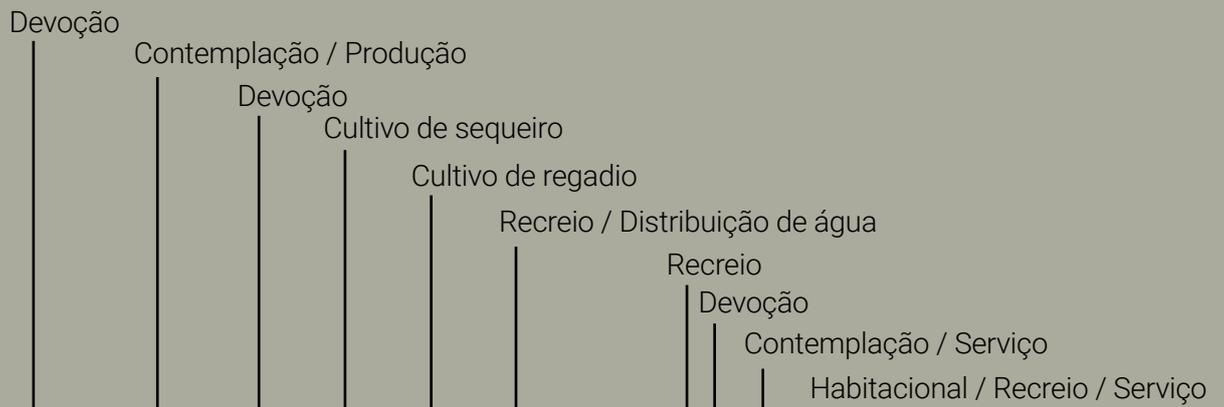
11. Capela de Nossa Senhora do Sobreiro
12. Capela de S. Francisco
13. *Ecce Homo* (antigo forno de cal)

Espécies notáveis

14. Glicínia secular (*Wisteria sinensis*)
15. Sobreiro secular (*Quercus suber*)

Usos e funções

A comunidade franciscana do Mosteiro de Santo António do Varatojo pratica uma vida de reclusão no seu interior, que inclui o cuidar da cerca, e tem uma ação missionária no exterior. Em resultado desta circunstância, estamos perante uma vivência excecional da cerca pela sua proximidade ao uso inicial da construção do mosteiro. Assim, os usos produtivos, recreativos e contemplativos perpetuam-se assegurando a autenticidade e a integridade da cerca.





1450
Referência em foral de Álvaro Borges, senhor de Verdemilho, onde se localiza a quinta

1770
Doação das terras de Verdemilho aos Crúzios da Serra do Pilar

1828
Quinta pertencente a D. Maria Benedita de Sousa Quevedo Pizarro

1774
Inscrição no portão da quinta: visita do Bispo do Grão-Pará e Bispo de Coimbra

1866
Quinta pertencente a João Carlos do Amaral Osório (1º Visconde de Almeidinha)

1890
Quinta herdada por D. Laura Catalá do Amaral Osório



1905
1º programa existente com descrição da Romaria de Nossa Senhora das Dores

1890
Quinta adquirida por Basílio Tavares Lebre



1930 (aproximadamente)
António Tavares Lebre recebe a quinta através de herança

1956
Último programa existente da Romaria da Nossa Senhora das Dores



A Quinta da Nossa Senhora das Dores, datada de 1774 foi propriedade de duas famílias: Sousa Pizarro (Viscondes de Almeidinha) e Tavares Lebre. Sempre possuiu um uso religioso aliado ao de produção e de recreio. Era realizada a Romaria de Nossa Senhora das Dores, no primeiro domingo após o dia 8 de setembro, que durava três dias, com missa na capela da quinta, participação de romeiros, bailes, jogos tradicionais, jantares sob o túnel de buxo centenário e fogo de artifício.



Elementos Estruturantes



1.

As Quintas de Recreio têm uma distribuição em Portugal que as torna muito diversas, nomeadamente com áreas diferenciadas. A Norte ou no Centro poderemos ter propriedades com 2 a 4 ha e no Sul com centenas ou mesmo milhares de ha.



2.

Apresentam assim complexidades e singularidades expressivas. No entanto, a partir da interpretação da Quinta de Nossa Senhora da Dores podemos referenciar os seguintes Elementos Estruturantes: o pátio ou terreiro de recebimento, a casa, jardins de aparato ou formal, as hortas, pomares, áreas de cultivo e a mata, proporcionando uma articulação íntima entre os usos e funções de recreio e de produção.



3.

Tal como no caso das Cercas Conventuais, um Elemento Estruturante aqui não passível de representação é o sistema hidráulico de abastecimento e distribuição da água para as necessidades da habitação e da rega dos jardins e dos campos.



4.

Legenda



5.

1. Pátio de recebimento ou terreiro
2. Casa senhorial
3. Jardim formal ou Horto de recreio
4. Pomar, horta ou áreas de cultivo
5. Mata

Terreiro

Na Quinta da Nossa Senhora das Dores, após a entrada pelo portão setecentista, encontra-se um terreiro delimitado pela casa senhorial, pela capela e anexos da mesma e pelo muro que rodeia toda a quinta. Neste espaço encontram-se dois elementos singulares: a capela de Nossa Senhora das Dores e a Alameda de Tílias.

Casa senhorial

A casa, construída no final do século XVIII, localiza-se à esquerda da entrada, perpendicularmente ao muro. Na fachada virada para o terreiro existe uma fonte em cascata de pedra de Ançã, que marca o início de um eixo paralelo à rua, pontuado por tílias até ao muro a noroeste. Esta possui ainda uma escadaria que leva a uma varanda no andar nobre, que tem vista para o jardim formal, área de cultivo e mata.

Jardim formal

O jardim formal, localizado junto à fachada este da casa, possui vários canteiros de buxo segundo um desenho geométrico com vários espécimes de camélias e várias árvores de fruto. Junto ao muro surge um alinhamento de limoeiros acompanhados de namoradeiras em janelas gradeadas para o exterior. Junto às cavalariças no limite do jardim existe uma alameda de buxo centenário em forma de túnel, que se constitui enquanto elemento singular da quinta.

Pomar ou horta

A Quinta da Nossa Senhora das Dores possui 4,93 hectares de área de cultivo, organizados em talhões destinados a horta e pomar. Os talhões são divididos por eixos transversais e longitudinais que atravessam toda a quinta, e que são marcados por alinhamentos de árvores de fruto, como amendoeiras, ameixoeiras ou pereiras. Nas interseções desses eixos surgem seis elementos singulares: os cubelos associados aos Passos da Vida de Cristo.

Mata

No limite sul da quinta, existe uma mata que desce até uma ribeira já fora dos limites da mesma. Esta, anteriormente constituída por carvalhos e loureiros, atualmente é maioritariamente constituída por carvalhos e eucaliptos. No seu interior existe um fontanário com tanque e latada que se encontrava em ruínas.





1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



9.



10.

Elementos Complementares

Os Elementos Complementares, estão incluídos nos Elementos Estruturantes, e podem ser constituídos por: elementos naturais, como espécies notáveis que se constituem enquanto singularidades no espaço ou elementos de água; elementos culturais, como eixos estruturantes, pontos de vista, elementos escultóricos e religiosos.

Legenda

Terreiro

1. Portão setecentista
2. Capela de Nossa Senhora das Dores
3. Alameda das Tílias

Casa Senhorial

4. Fonte em cascata

Jardim formal

5. Túnel de buxo
6. Alinhamento de citrinos e namoradeiras
7. Coleção de camélias

Área de cultivo

8. Cubelos pontuados por ciprestes
9. Alamedas de árvores de fruto

Mata

10. Fontanário

Usos e funções

As Quintas de Recreio são espaços predominantemente de características rurais, onde a produção e o recreio estão intimamente ligados. São locais de vilegiatura, aos quais os seus proprietários retornam temporariamente. Possuem em si espaços destinados ao recreio, como o horto de recreio ou a capela, e espaços dedicados à produção, como o pomar, a horta e a mata. Na Quinta da Nossa Senhora das Dores surge, de forma singular, uma componente religiosa que se expressa a nível social e espacial com a presença da capela e das Estações dos Passos da Vida de Cristo.



Jardim do Palácio do Morgado Arruda dos Vinhos

Rua Cândido dos Reis, 2630-112 Arruda dos Vinhos

Data de construção: séc. XVIII

Área: 0,23 hectares

Propriedade: Pública

Acesso ao público: Acesso livre/ Entrada gratuita

Utilização: Pública

Estatuto de proteção: IIP - Imóvel de Interesse Público,

Portaria n.º 1035/2005, DR, 2.ª série, n.º 206,

de 26 outubro 2005 (Chafariz Pombalino)

Posto de turismo

Jardim formal

Fonte

Café

Janelas com namoradeiras

Entrada do jardim

Terraço no andar nobre

Palácio do Morgado / Biblioteca Municipal

Capela



séc. XVIII
Construção da quinta e do
palácio do Morgado por parte
de António de Gamboa e Lis

1778
Data inscrita junto ao
brasão de armas da família
Gamboa e Lis

1781
Data de inscrição na capela
anexa à casa senhorial,
que possui porta principal
para a via pública

-
Quinta do Morgado herdada por
Bartolomeu de Gamboa e Lis
(1º Barão de Arruda)

—
Quinta herdada por José Vaz
Monteiro, médico e fundador da
Ganadaria Vaz Monteiro

1870
Quinta herdada por Francisco de
Assis de Gamboa e Lis, último
descendente da família

2007
Início da dinamização do
espaço enquanto Centro
Cultural do Morgado

Início do séc. XX
Compra da Quinta do
Morgado pelo Município de
Arruda dos Vinhos

2014
Abertura de um acesso ao
jardim, na Rua Cândido dos Reis



O palácio, de traça tardo barroca, rococó e neoclássica, foi mandado erguer no final do século XVIII, por António Teodoro de Gambôa e Lis, que obteve brasão de armas em 1778. A traça é atribuída a Mateus Vicente de Oliveira, devido às características do palácio e capela, como o tipo, cor e forma de azulejos e estuque e a inscrição do emblema "M" num dos tetos do Palácio. Este arquiteto esteve envolvido em obras como a Basílica da Estrela, Palácio-Convento de Mafra e Palácio de Queluz.





Elementos Estruturantes

Os Jardins e os Parques Públicos, conforme hoje os entendemos, emergem sobretudo no século XIX. Muitos deles deslocalizaram campos de feira, dentro ou às portas das cidades, enquanto outros, por exemplo, foram instalados sobre terrenos de antigas cercas conventuais, após a extinção das ordens religiosas.

O Jardim do Palácio do Morgado tipifica devidamente esta situação tendo sido instalado sobre um jardim de uma casa senhorial. Identificam-se como Elementos Estruturantes a rede de caminhos, as zonas de estadia e as zonas de serviços. Habitualmente encontram-se outros espaços como zonas de recreio e desportivas, o que não é o caso.



Legenda

1. Caminhos
2. Zonas de estadia
3. Serviços

Caminhos

O Jardim do Morgado está localizado no terreno da antiga Quinta do Morgado, em que o desenho do jardim formal adjacente à antiga casa senhorial permanece no espaço. Desta forma, os percursos estabelecidos no local são aqueles que se formam entre o desenho de buxo existente. A área do jardim é dividida segundo dois terraços, separados por um pequeno murete. No primeiro terraço existe uma fonte com embrechados localizada na fachada do posto de turismo (antiga dependência da casa senhorial). Existem várias espécies de grande porte que pontuam os eixos existentes, como o cedro-dos-himalaias ou o cedro-do-atlas.

Zonas de estadia

As zonas de permanência do Jardim do Morgado são constituídas por áreas mais amplas, dotadas de equipamentos que convidam o visitante a permanecer e a descansar. Estas áreas possuem bancos, como os existentes ao centro do segundo terraço do jardim formal, em redor do exemplar notável de Cipreste-da-Califórnia; namoradeiras existentes no muro que delimita o jardim, juntamente com as janelas que permitem uma vista para o exterior; ou muretes com bancos em cantaria, como o que divide os dois terraços do jardim. Na área adjacente ao palácio, que é delimitada por edifícios da mesma época de construção existe um terreiro calçetado que é dotado de vários serviços.

Serviços

O jardim público, localizado na antiga Quinta do Morgado, é atualmente parte integrante do Centro Cultural do Morgado, dinamizado a partir de 2007. Este engloba o solar setecentista e a capela da casa, com traça atribuída ao arquiteto Mateus Vicente de Oliveira (1706-1785), onde foi estabelecida a Biblioteca Municipal Irene Lisboa (no primeiro andar da casa, antigo andar nobre onde se situavam os quartos e os salões), o Centro de Interpretação das Linhas de Torres, o Posto de Turismo (na antiga dependência rural da quinta), a Galeria Municipal, o Auditório Municipal, a Oficina do Artesão e Serviço Educativo e Cultural.





1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



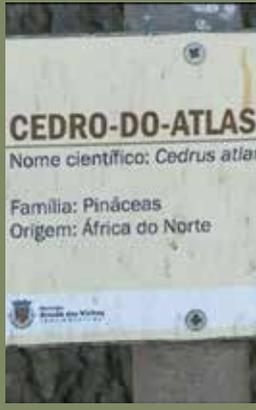
9.



10.



11.



12.



13.

Elementos Complementares

Os Elementos Complementares não surgem de uma forma geral em “todos” os Jardins e Parques Públicos e por isso constituem-se enquanto singularidades do caso de estudo. Estes surgem incluídos ou associados aos Elementos Estruturantes. Podem ser elementos naturais, como espécies notáveis. Podem ser também elementos culturais, como fontes, estátuas ou muretes.

Legenda

Caminhos

- 1. Fonte com embrechados
- 2. Sebes de buxo

Zonas de estadia

- 3. Escadaria e terraço
- 4. Bancos em redor do cipreste
- 5. Namoradeiras
- 6. Murete com bancos

Serviços

- 7. Biblioteca Municipal Irene Lisboa
- 8. Posto de Turismo
- 9. Capela
- 10. Café e esplanada

Árvores notáveis

- 11. Cedro-do-Himalaia (*Cedrus deodara*)
- 12. Cedro-do-Atlas (*Cedrus atlantica*)
- 13. Cipreste-da-Califórnia (*Hesperocyparis macrocarpa*)

Usos e funções

O Jardim do Palácio do Morgado assenta num jardim formal setecentista. No início do século XX foi transformado num jardim público. Sob o ponto de vista da estrutura, ela identifica-se com a sua origem setecentista que se mantém visível. Porém, a sua função foi significativamente alterada o que teve um impacto no jardim, sobretudo sob o ponto de vista dos equipamentos, na introdução de novas espécies e também na diversificação das funções.



Serviço

Passeio / Recreio Público

Fonte

Serviço

Estadia

Entrada do jardim

Estadia

Serviço

Devoção



JARDINS BOTÂNICOS

Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

Calçada Martim de Freitas, 3000-456 Coimbra

Data da fundação: 1772

Área: 13,5 hectares

Propriedade: Pública

Acesso ao público: Acesso livre/Entrada gratuita

Utilização: Recreativa

Estatuto de proteção: IIP - Imóvel de Interesse Público,

Decreto n.º 2/96, DR, 1.ª série-B, n.º 56 de 6 março 1996

e Património Mundial (UNESCO), 2013

Portão Principal

Recanto Tropical

Escola Sistemática

Escola Médica

Alameda das Tílias

Escola Sistemática

Quadrado Central

Estufa Tropical

Estufa Fria

Colégio de São Bento

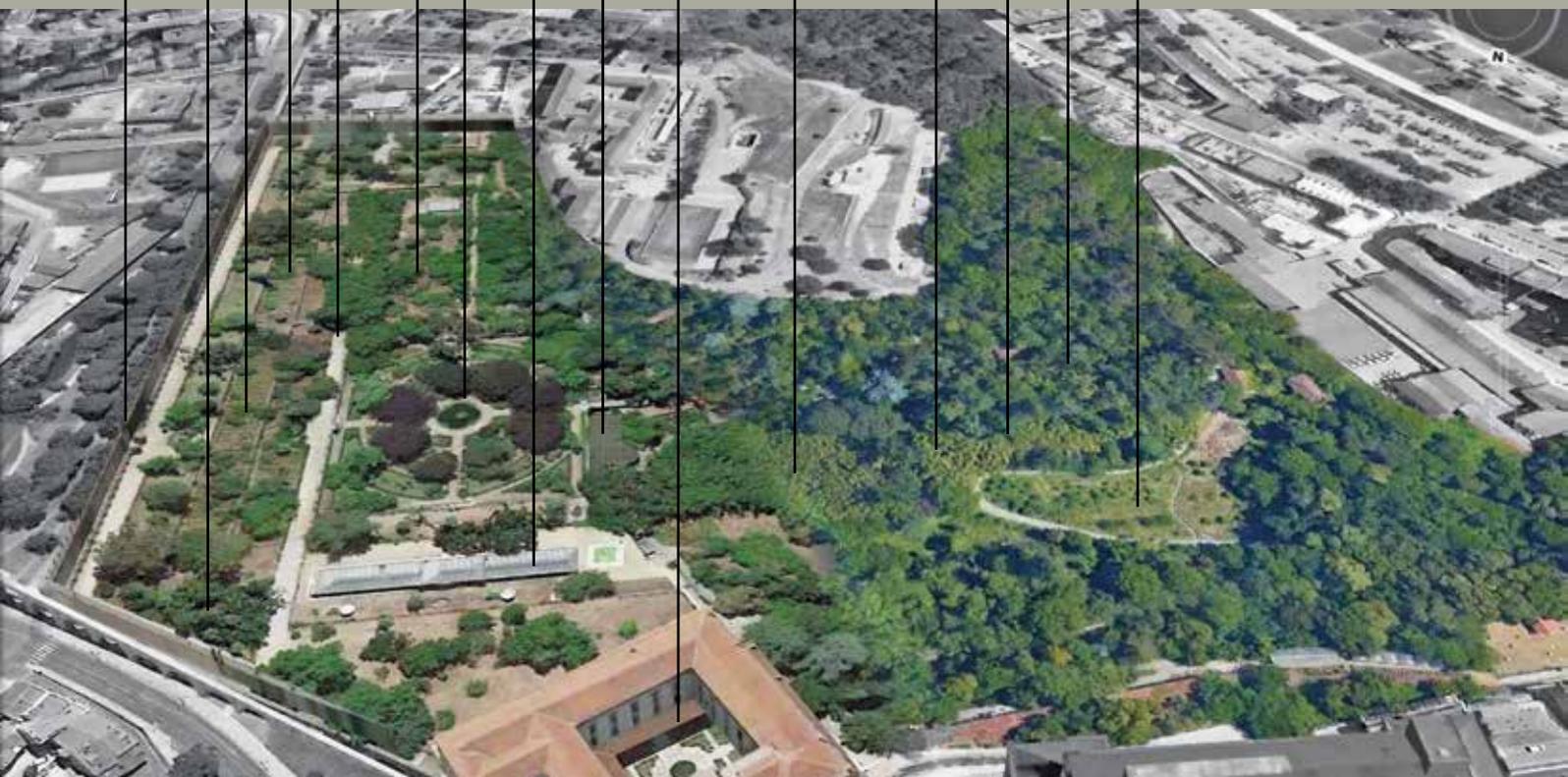
Coleção de Monocotiledónias

Capela de São Bento

Bambuzal

Mata

Pomar



1731 Anúncio da construção de um "Horto Botânico" junto à Universidade de Coimbra por D. João V	1772 Início da Reforma Pombalina, que inclui autorização da construção do Jardim Botânico	1773 Domenico Vandelli, Dalla-Bella e Júlio Mattiazzi apresentam projeto que é recusado pelo Marquês de Pombal
1791 Félix Avelar Brotero sucede a Domenico Vandelli na direção do Jardim Botânico	1774 Início da construção do Jardim Botânico	
1794 Conclusão do 1º terraço do Jardim Botânico (Quadrado Central)	1807-1814 As obras no jardim são suspensas devido às invasões francesas	
1867 Conclusão das restantes obras nos terraços em redor do Quadrado Central	1859-1865 Data de início e conclusão da Estufa Tropical, uma das primeiras estruturas da arquitetura do ferro em Portugal	
1868 Primeiro <i>Index Seminum</i> (catálogo de sementes) é publicado por ordem de Edmond Goëze	1918 Grande aumento de espécies trazidas das ex-colónias portuguesas por Luís Carrisso	1944-1949 Adição da fonte ao tanque no Quadrado Central, bancos em cantaria e construção da Estufa Fria

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, fundado em 1772 como um elemento indispensável ao ensino das "faculdades naturais" (Matemática, Filosofia Natural e Medicina), fez parte da reforma pombalina da universidade. Teve vários diretores que se empenharam no melhoramento do jardim, com adição de várias coleções botânicas, estruturas de apoio ao ensino e investigação e, mais tarde, estruturas para receber visitantes no jardim.



Elementos Estruturantes

1. Existe uma grande diferenciação entre os Jardins Botânicos históricos português sendo cada um possuidor de uma forte singularidade. Logo, é simplificador, a partir de um exemplo, tentar acordar no modelo de uma Ficha Exemplificativa.

2. Porém, trata-se de uma categoria demasiado importante para ser excluída do presente Manual. Por outro lado, de um modo geral, os Jardins Botânicos - tal como os Jardins Públicos - foram construídos sobre uma estrutura ordenada pré-existente. No caso do Jardim Botânico de Coimbra, ele reúne espaços de duas cercas conventuais. Uma delas, a cerca beneditina, está associada ao Colégio de São Bento. Identificamos como principais Elementos Estruturantes deste jardim o Quadrado Central, a Escola Sistemática, as Estufas e a Mata.

Legenda

1. Quadrado Central
2. Escola de Sistemática
3. Mata
4. Estufas
5. Colégio de São Bento

Quadrado Central

O Quadrado Central é a área primitiva de todo o Jardim Botânico. Possui um desenho concêntrico em torno da fonte e possui uma coleção botânica vasta de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas de várias partes do mundo. É um jardim formal de estilo neoclássico, quadripartido, com eixos que levam a quatro portões que ligam as várias partes do jardim.



Escola Sistemática

As Escolas Sistemáticas distribuem-se por vários patamares estando predominantemente distribuídas ao longo do Terraço Superior e seguem a vertente natural da encosta. Estes terraços estão divididos segundo coleções associados à Escola Sistemática e à Escola Médica, que hoje têm vindo a integrar outros usos e funções.



Mata

A mata ocupa cerca de 9 hectares (dois terços da sua área total) e possui espécies muito diversas. Surgem várias áreas dedicadas a coleções específicas, como o bambuzal, a coleção de Monocotiledónias ou o pomar. Surge ainda uma capela que era parte integrante da antiga cerca do Colégio de São Bento (séc. XVI).



Estufas

No Jardim Botânico da Universidade de Coimbra existem várias estufas albergando coleções botânicas, como por exemplo de plantas tropicais, carnívoras ou fetos, e apoiando a investigação e o ensino. Destacam-se a Estufa Tropical e a Estufa Fria.



Colégio de São Bento

O Colégio de São Bento, destinado aos estudos de Artes e de Teologia, foi fundado em 1555 por Frei Diogo de Murça, monge do mosteiro de São Miguel de Refojos de Basto, que, em 1549, obteve autorização do Papa para, com as rendas do mosteiro, fundar três colégios em Coimbra, um deles para a ordem de São Bento. Aqui esteve instalado o Departamento de Botânica e o Museu que, entretanto, tiveram novos destinos. Aqui ainda se mantém o Herbário e a Biblioteca.



Elementos Complementares

Os Elementos Complementares, estão incluídos nos Elementos Estruturantes, e podem ser constituídos por: elementos naturais, como espécies notáveis ou elementos de água; elementos culturais, como eixos estruturantes, pontos de vista ou elementos escultóricos.

Num Jardim Botânico histórico, os exemplares de plantas notáveis pelo seu porte, idade ou raridade, constituem uma singularidade e um atrativo assim como os elementos escultóricos.

Legenda

Quadrado Central

1. Fonte Central

2. Canteiros

Mata

3. Capela

4. Bambuzal

5. Pomar

6. Coleção de Monocotiledónias

Terraço Superior

7. Escola Sistemática

8. Escola Médica

9. Recanto Tropical

10. Alameda das Tílias (*Tília cordata*)

11. Coleção de Gimnospérmicas

(Terraço das coníferas)

12. Baixo-relevo de Luís Carrisso

Estufas

13. Estufa Fria - Coleção de plantas de sombra

14. Estufa Tropical - Coleção de plantas tropicais

15. Colégio de São Bento



1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.

Usos e funções

Os Jardins Botânicos, inicialmente construídos com o intuito de conhecer as plantas e as suas propriedades medicinais, foram incluindo espécies exóticas de outras partes do mundo trazidas através de Viagens Exploratórias ou trocas de sementes com outros Jardins Botânicos. O crescente interesse pelas plantas levou a que não só os investigadores, professores e alunos se interessassem pelo assunto como a população em geral, fazendo com que os Jardins Botânicos começassem a ser frequentados também de forma pública. Esta evolução das características sociais espelhou-se também no espaço com a introdução de elementos de recreio, aliados à ciência e ensino.



Entrada

Entrada

Ensino / Investigação / Recreio

Entrada

Ensino / Investigação / Recreio

Ensino / Investigação / Recreio

Entrada



Vista sobre o rio no Jardim Botânico de Coimbra, Coimbra. Fonte: Autora.

Estufa no Jardim Botânico de Coimbra, Coimbra. Fonte: Autora.

Museu de História Natural, Coimbra. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Fonte. Fonte: Universidade de Coimbra [em linha]. Disponível em: <https://www.uc.pt/jardimbotanico/>

Jardinetas. Fonte: UrbanLandscapeNativeLandscape [em linha].

Capela. Fonte: Notícias de Coimbra [em linha]. Disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/tag/jardim-botanico/?amp=1>

Bambuzal. Fonte: Mapio [em linha]. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-217768/>

Pomar, Coimbra. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Coleção de monocotiledóneas, Coimbra. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Escolas Sistemáticas no Jardim Botânico de Coimbra, Coimbra. Fonte: Autora.

Escolas Médicas. Fonte: Universidade de Coimbra [em linha]. Disponível em: <https://www.uc.pt/jardimbotanico/>

Recanto Tropical no Jardim Botânico de Coimbra, Coimbra. Fonte: Autora.

Alameda da Tílias. Fonte: All About Portugal [em linha]. Disponível em: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/coimbra/jardins/jardim-botanico-da-universidade-de-coimbra>

Coleção de gimnospérmicas, Coimbra. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Lago no Jardim Botânico de Coimbra, Coimbra. Fonte: Autora.

Estufa de plantas de sombra. Fonte: Universidade de Coimbra [em linha]. Disponível em: <https://www.uc.pt/jardimbotanico/>

Estufa tropical. Fonte: Visão [em linha]. Disponível em: <https://visao.pt/visaose7e/2012-04-05-jardim-botanico-de-coimbra/#&gid=0&pid=1>

Museu de História Natural, Coimbra. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Estátua. Fonte: Universidade de Coimbra [em linha]. Disponível em: <https://www.uc.pt/jardimbotanico/>

Estufa de plantas tropicais. Fonte: Archdaily [em linha]. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/982704/estufas-tropicais-do-jardim-botanico-da-universidade-de-coimbra-joao-mendes-ribeiro>

Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Guia da Cidade [em linha].

Fonte com embrechados, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Sónia Talhé Azambuja.

Desenho de buxo, Palácio e Jardim do Morgado. Fonte: JF Arruda [em linha]. Disponível em: https://www.jf-arruda.pt/freguesia/locais-a-visitar/8-palacio_do_morgado

Fonte com embrechados, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Sónia Talhé Azambuja.

Escadaria, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Tomé Gouveia [em linha]. Disponível em: <https://www.tumblr.com/300diasnoeste/118512090673/pal%C3%A1cio-do-morgado-o-palacete-do-s%C3%A9culo-xviii-foi>

Namoradeiras, Arruda dos Vinhos. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Murete com bancos, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Sónia Talhé Azambuja.

Biblioteca Municipal Irene Lisboa, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Tomé Gouveia [em linha]. Disponível em: <https://www.tumblr.com/300diasnoeste/118512090673/pal%C3%A1cio-do-morgado-o-palacete-do-s%C3%A9culo-xviii-foi>

Posto de Turismo, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Tomé Gouveia [em linha]. Disponível em: <https://www.tumblr.com/300diasnoeste/118512090673/pal%C3%A1cio-do-morgado-o-palacete-do-s%C3%A9culo-xviii-foi>

Capela do Palácio do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Cedro-do-Himalaias, Palácio e Jardim do Morgado, Arruda dos Vinhos. Fonte: Sónia Talhé Azambuja.

Cedro-do-Atlas, Arruda dos Vinhos. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Ficha técnica

Título | **Manual de Visita Guiada de Jardins Históricos**

Autor | Editor | AJH - Associação Portuguesa dos Jardins Históricos

Textos | Teresa Andresen e Filipa Marques dos Santos

Design gráfico | Filipa Marques dos Santos e tripledesign.pt

Impressão e acabamento | Empresa do Diário do Minho, Lda.

Data de edição | 1.ª edição | 04/2025 | 250 ex.

ISBN | 978-989-33-7570-9

Depósito Legal | 546434/25

